

As contribuições das tecnologias na discussão sobre o consumo de bens de luxo com alunos do Ensino Médio

Cristiane Neves Mello¹

GDn°15 – Educação Financeira

Resumo: Este trabalho é uma descrição de uma pesquisa de mestrado que se encontra em fase inicial. Nele são discutidos os seguintes temas: a Educação Financeira e a importância de sua implementação no ensino, focando principalmente na forma como o consumo está presente na vida das pessoas e o uso das tecnologias no ensino. A pesquisa será realizada com alunos do Ensino Médio de uma escola estadual no interior de Minas Gerais e terá como objetivo principal conhecer as concepções de consumo de bens de luxo que alunos do Ensino Médio possuem e investigar as contribuições que as atividades tecnológicas proporcionam para alterar ou solidificar essa concepção. A metodologia que será utilizada na pesquisa será a Engenharia Didática, que se enquadra na perspectiva da pesquisa qualitativa e o produto educacional que será produzido será um site interativo com atividades relacionadas ao consumo, para colaborar com a reflexão dos alunos e para que eles se conscientizem sobre o tema.

Palavras-chave: Educação Financeira; Consumo; Alunos.

Introdução

O contexto em que o mundo atual se encontra é caracterizado por grandes avanços tecnológicos, o que causa diversos efeitos nos setores da sociedade, inclusive nas atividades comerciais. As empresas, juntamente com as tecnologias, proporcionam uma série de facilidades de compra aos consumidores que são atraídos “[...] por fatores internos e externos: interno, influenciado por sua vontade pessoal; externo, influenciado pelo meio social”, sendo as propagandas e formas de pagamento facilitadas as maiores contribuintes para a atração por fatores externos (COELHO, 2002 apud BRUTES & SEIBERT, 2014, p.176).

Diante do cenário econômico, social e político que incentiva cada vez mais o consumo, a sociedade passa a ser denominada por Bauman (2008) em uma “sociedade de consumidores”, que “representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas” (BAUMAN, 2008, p.71). Nesta perspectiva, fica evidente a necessidade de educar a sociedade com conceitos relativos às finanças pessoais.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, email: cristinevesmello@gmail.com, orientadora: Chang Kuo Rodrigues.

A Educação Financeira ensina as pessoas conceitos relacionados ao dinheiro e como administrá-lo com sabedoria. Além disso, faz com que aprendam habilidades básicas relacionadas a gastar, ganhar, orçar, poupar, emprestar e investir dinheiro. (SEBSTAD e COHEN, 2003 apud BRUTES e SEIBERT, 2014). Em nosso país, a Educação Financeira:

[...] não é parte do universo educacional familiar. Tampouco escolar. Assim, a criança não aprende a lidar com dinheiro nem em casa, nem na escola. As consequências deste fato são determinantes para uma vida de oscilações econômicas, com graves repercussões tanto na vida do cidadão, quanto do país (D'Aquino, 2015, p.1).

Ao focar a atenção na escola básica, de acordo com Almeida (2013), o ensino da Educação Financeira “[...] é, muitas vezes, negligenciado pelas escolas e, em particular pelos professores” (ALMEIDA, 2013, p.7). Apesar de ser proposto pelo Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) que a Educação Financeira seja “[...] aplicada como tema transversal e em diálogo com diversas disciplinas [...]”, seu conteúdo ainda é visto pela maioria dos professores como uma tarefa do professor de matemática, o que ocasiona em uma abordagem superficial do tema - devido ao pouco tempo que este possui para lecioná-lo -, e um ensino baseado somente em aplicar fórmulas e resolver exercícios mecânicos (ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2016).

Como consequência, os alunos não aprendem a desenvolver o raciocínio financeiro e ao se depararem com situações do cotidiano, que necessitam de um olhar crítico financeiro, esses não conseguem analisar corretamente. Assim, os alunos se formam sem possuir um bom aprendizado sobre esta área e continuam sem conseguir analisar de forma correta as situações que envolvem a Educação Financeira.

O intuito da pesquisa é fazer os alunos refletirem sobre como o consumo está presente em suas vidas e mais especificamente o consumo de bens de luxo, pelo fato desse tipo de consumo estar relacionado aos desejos das pessoas e não às suas necessidades básicas. Além disso, a forma como as reflexões serão estimuladas será, principalmente, por meio de atividades com uso da tecnologia, para que os alunos se sintam à vontade no momento da realização das atividades – por estarem conectados ao mundo tecnológico constantemente – e nas discussões posteriores.

Desta forma, a pergunta diretriz que dará norte a essa pesquisa será: Quais as contribuições de atividades tecnológicas na discussão sobre o consumo de bens de luxo com alunos do Ensino Médio?

Ao final da pesquisa espera-se conseguir descrever o impacto que as atividades tecnológicas causaram no pensamento dos alunos, sobre a importância de refletir sobre o consumo, levando em consideração as características que mais se destacaram nas discussões e no desenvolvimento das atividades propostas, analisando, principalmente, suas falas e reações.

Base Teórica para a Educação Financeira

A Educação Financeira, segundo Borges (2010, p.9), “vem ganhando cada vez mais destaque, com sites especializados, espaços reservados em importantes fontes multimídias de notícias e eventos educacionais, [...]”. Para saber fazer escolhas conscientes sobre bens a serem adquiridos, deve-se recorrer aos seus conceitos básicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE):

Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (OCDE, 2016).

Assim, a Educação Financeira deve proporcionar ao cidadão um olhar crítico sobre as diversas operações comerciais existentes, para que ele possa sempre analisar o que está sendo oferecido de acordo com suas necessidades e perceber se será vantajoso ou não.

Algumas medidas estão sendo implementadas para que o ensino da Educação Financeira seja propagado por todo o Brasil. Como por exemplo, a partir de 2010, a Educação Financeira adquiriu um status de política de estado, com a criação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). No Decreto Federal 7.397 de 22 de dezembro de 2010 consta que o objetivo da ENEF é “contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes”.

De acordo com o ENEF, em 2009 foram identificadas 64 iniciativas de projetos de Educação Financeira no país e em 2013 esse número aumentou para 803. Embora o número de escolas que estão implementando projetos com este tema seja crescente, deve-

se ressaltar que, em 2013, segundo o MEC, existiam 190.706 escolas de ensino básico no país. Assim, ao comparar o número de escolas existentes com o número de iniciativas de projetos (sendo que alguns são destinados ao ensino superior, empresas privadas, etc.), nota-se que o número de escolas participantes ainda é muito pequeno.

Conseqüentemente, na maioria das escolas o único contato que os alunos têm com a Educação Financeira é relativo ao que aprendem nas aulas de Matemática Financeira, que é um conteúdo da grade curricular da disciplina de matemática. Como os professores não possuem muito tempo, conhecimento, segurança e, muitas vezes, afinidade para abordar este conteúdo, muitos não dão a importância adequada ao seu ensino, baseando-o somente a resolução de exercícios mecânicos. Dessa forma, a Educação Financeira que é um ensino que prioriza discussões sobre temas relacionados às diversas atividades comerciais presentes no cotidiano dos alunos, fica restrita ao uso de fórmulas em problemas financeiros.

Alguns dos assuntos que podem ser discutidos no ensino da Educação Financeira são: compras, planejamentos, investimentos, juros, descontos, dívidas, seguros, consumo, consumismo, taxas, inflação, etc. Além disso, questões éticas, psicológicas e ambientais também podem ser tratadas. Logo, a Educação Financeira não se resume somente em fazer planejamentos, calcular os juros, investir, poupar e economizar, mas em refletir sobre todos esses temas citados acima.

Neste artigo o foco das discussões sobre Educação Financeira será no consumo. Segundo Bauman (2008), “[...] o consumo é uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos” (BAUMAN, 2008, p.37). Desta forma, desde que nascemos nos tornamos consumidores, pois estamos a todo instante consumindo alguma coisa. Conseqüentemente, esse tema merece atenção especial no ensino, como aponta a CONEF (2013): deve-se ensinar a consumir e poupar de modo ético, consciente e responsável, levando em consideração os impactos sociais e ambientais que podem causar. Além disso, outro aspecto que merece ser discutido com os alunos é sobre a definição de Bauman (2008) para bens de luxo: “[...] bens que excedem as necessidades de sobrevivência” (BAUMAN, 2008, p.41), pois as pessoas estão imersas em uma sociedade que as induz a consumirem cada vez mais e não percebem quando adquirem determinado produto sem que este seja um bem necessário na sua vida.

Assim, o consumo é uma prática que faz parte diariamente da vida das pessoas e que não é muito abordado no ensino, sendo que a falta de discussão sobre esse tema pode fazer com que a população se endivida e não perceba os “truques” das empresas para fazer as pessoas consumirem cada vez mais, principalmente, os bens de luxo.

Para abordar temas como este na sala de aula, o professor deve fazer uso de metodologias diferenciadas, para despertar o interesse do aluno e, também, para colaborar com as discussões. Vamos destacar o uso de atividades que são desenvolvidas com as tecnologias.

Segundo Levy (1993 apud BORBA, 2002, p.137), lápis e papel também são considerados tecnologias, assim como outros recursos utilizados em uma aula, como quadro e o apagador, pois cada um deles têm uma função ou possibilidade específica de utilização que são realizadas por aqueles que o manipulam. Neste contexto, os PCN dizem que: “As tecnologias, em suas diferentes formas e usos, constituem um dos principais agentes de transformação da sociedade, pelas modificações que exercem nos meios de produção e por suas consequências no cotidiano das pessoas” (BRASIL, 1998, p. 43).

Como a sociedade vive um momento de grande avanço tecnológico, o termo tecnologia acaba ganhando um sentido especial, voltado principalmente para a informática e para recursos como computador, *internet* etc. Outro termo recorrente, usado para diferenciar alguns desses recursos, é o termo tecnologia digital (TD), que abrange qualquer equipamento eletrônico que baseia seu funcionamento em uma lógica binária.

Devido à familiaridade da maioria dos alunos com o uso das tecnologias digitais, pois desde sua infância estão em constante contato com o mundo tecnológico, isto acaba por dar a essa geração uma nova identidade, denominada por Barreto e Nascimento (2014, p.245) de “*nativos digitais*”. Ao explorar esse aspecto dessa nova geração de alunos, o uso das TD nas aulas pode tornar o ensino mais atrativo e os professores podem lançar mão desses recursos em sua prática, considerando que o ensino deve evoluir acompanhando o desenvolvimento tecnológico em que a sociedade se encontra.

Como consequência disso, a inserção de TD no ensino leva ao surgimento de um novo tipo de aluno, o aluno investigador, que necessita de um novo tipo de professor, o instigador. Nesse novo cenário, o professor deve estar conectado a tudo o que está acontecendo ao seu redor, deve saber para além da sua própria disciplina e estar aberto para novas aprendizagens. De acordo com Kenski (2005 apud DORSA, 2009, p.179), “[...] o saber sólido e imóvel não existe mais. Diploma não é certeza de saber atualizado, já que

os saberes devem ser permanentemente reconstruídos. [...]”. O professor precisa estar em constante formação, por meio de estudos e formações continuadas para acompanhar a evolução das TD que podem ser úteis no processo de ensino e aprendizagem.

No sentido exposto, esta investigação pretende envolver o ensino da Matemática Financeira juntamente com o uso das tecnologias, buscando as contribuições que as atividades tecnológicas proporcionam para alterar ou solidificar a concepção de consumo de bens de luxo dos alunos.

A pesquisa

Segundo Krummenauer (2011, p.13), “As crianças crescem tendo um contato com o dinheiro cada vez mais cedo [...]. Conforme passa o tempo, tornam-se adolescentes e iniciam suas vidas financeiras sem terem absorvido conceitos básicos de economia e finanças”.

A falta da Educação Financeira na vida das pessoas pode ser considerada um dos fatores fundamentais que geram o endividamento cada vez maior da população. Como os cidadãos não são instruídos a pensar criticamente, quando se deparam com as transações comerciais acabam sendo influenciados pelas “ofertas” que fazem com que os consumidores adquiram produtos que não necessitam ou optem por formas de pagamentos ou investimentos desvantajosas, sem ter consciência do valor real que está sendo utilizado.

O desconhecimento da população sobre conceitos relacionados à Educação Financeira está diretamente ligado ao fato de existirem poucos professores que tenham domínio do conteúdo e que se interessem pela área.

Desta forma, devido ao contexto atual em que a sociedade se encontra (juros exorbitantes, alto nível de endividamento da população e consumidores compulsivos), o fato de algumas instituições de ensino e alguns professores ainda não utilizarem a Educação Financeira nas aulas fizeram com que houvesse interesse por esta área, buscando ampliar meus estudos.

Além disso, com base em estudos anteriores sobre o uso das tecnologias na sala de aula, passei a vê-las como meio facilitador do processo de ensino e aprendizagem. Por isso, o foco deste projeto também está relacionado à utilização das tecnologias no ensino, pois penso que podem contribuir positivamente na construção do conhecimento sobre o mundo das finanças.

A pesquisa de mestrado apresentada neste artigo tem como objetivo principal conhecer as concepções de consumo de bens de luxo que alunos do Ensino Médio possuem e investigar as contribuições que as atividades tecnológicas proporcionam para alterar ou solidificar essa concepção.

Além disso, os objetivos específicos são:

- trabalhar o conceito de bens necessários e de luxo com os alunos;
- discutir sobre a forma que os meios tecnológicos, principalmente as propagandas, influenciam o consumo;
- analisar a forma que atividades tecnológicas contribuem com o pensamento dos alunos;
- elaborar um Produto Educacional que incentive as pessoas a pensar criticamente sobre o consumo, principalmente dos bens de luxo.

No que diz respeito à metodologia a ser utilizada na pesquisa, será utilizada a Engenharia Didática que se caracteriza por:

[...] uma sequência de aula(s) concebida(s), organizada(s) e articulada(s) no tempo, de forma constante, por um professor-engenheiro para realizar um projeto de aprendizagem para certa população de alunos. No decurso das trocas entre professor e alunos, o projeto evolui sob as reações dos alunos e em função das escolhas e decisões do professor (DOUADY, 1993 apud MACHADO, 2002, p. 198).

A Engenharia Didática se enquadra na perspectiva da pesquisa qualitativa, pois esse tipo de pesquisa “[...] nos fornecem informações mais descritivas, que primam pelo significado dado às ações” (BORBA; ARAÚJO, 2013, p.25). Além disso, Bogdan e Biklen (2013) apontam que na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; os investigadores interessam-se mais pelo processo do que pelos resultados ou produtos, tendem a analisar seus dados de forma indutiva; e o significado é de importância vital para a pesquisa.

O público-alvo da pesquisa serão alunos do ensino médio de uma escola estadual no interior de Minas Gerais e como o tema consumo ainda é pouco discutido no ambiente escolar, vamos começar a nossa pesquisa com um questionário diagnóstico com questões envolvendo o tema, para entender um pouco melhor sobre a concepção inicial de consumo que os alunos possuem. Após a análise dos questionários serão propostas algumas atividades para serem realizadas em grupo, sendo o objetivo principal das atividades fazer com que os alunos discutam entre si sobre os assuntos tratados a fim de se tornarem

consumidores mais conscientes, capazes de refletir sobre o que necessitam e, também, de analisar se o que está sendo oferecido realmente será útil na sua vida.

A análise dos dados será feita utilizando os questionários, diário do pesquisador, registro escrito das atividades desenvolvidas pelos alunos, além do registro fotográfico e a gravação dos encontros. Espera-se que após analisar os questionários, as descrições das aulas acompanhadas e as transcrições das filmagens feitas, seja possível responder a questão diretriz desse projeto, que é investigar as contribuições que as atividades tecnológicas proporcionam na discussão sobre o consumo de bens de luxo com alunos do Ensino Médio.

Produto Educacional

Nos mestrados profissionais além da elaboração da dissertação deve-se elaborar um Produto Educacional.

O mestrando deve desenvolver, por exemplo, alguma estratégia de ensino, uma nova metodologia de ensino para determinados conteúdos, um aplicativo, um ambiente virtual, um texto; enfim, um processo ou produto de natureza educacional e implementá-lo em condições reais de sala de aula ou de espaços não formais ou informais de ensino, relatando resultados dessa experiência. No momento atual, particular atenção deve ser dada à atualização curricular e ao uso das tecnologias de comunicação e informação na educação básica; mas, independente disso, o trabalho de conclusão deve necessariamente gerar um produto educacional que possa ser disseminado, analisado e utilizado por outros professores (MOREIRA; NARDI, 2009, p. 4)

No Produto Educacional da pesquisa relatada neste artigo pretende-se elaborar um site com questões interativas relacionadas ao consumo, principalmente de bens de luxo, para colaborar com a reflexão dos alunos sobre suas atitudes e, também, para que se conscientizem sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Estudantes aprenderão teoria e prática de finanças nas escolas.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35987>>. Acesso em 15 de outubro de 2016.

ALMEIDA, P. B. **A Matemática Financeira na Educação Básica e sua importância para a formação de um cidadão consciente.** 2013. Dissertação Mestrado em Matemática – Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

- BARRETO, M. F. T.; NASCIMENTO, F. C. Jogos digitais na educação infantil. In: BICUDO, M. A. V. **Ciberespaço**. São Paulo: Livraria da Física, 2014. 245 – 277.
- BAUMAN, Z.; **Vida para Consumo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.71.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. In: BORBA, M.C.; ARAÚJO, J.L. **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BORGES, P.R.S. Educação Financeira e sua Influência no Comportamento do Consumidor no Mercado de Bens e Serviços. In: Encontro de Produção Científica e Tecnológica, **Anais... 5**, 2010, Campo Mourão.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, p. 43. 1998.
- CONEF, **Educação Financeira Escolar nas Escolas**. Brasília: Ministério da Educação, p.3. 2013
- D'AQUINO, C. **E o que é a Educação Financeira?** Disponível em: <<http://educacaofinanceira.com.br/index.php/escolas/conteudo/513>>. Acesso em: 10 jun. 2015
- KENSKI, V.M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 2005. In: DORSA, A. C. **O Texto e as Práticas Textuais e Discursivas Presentes em uma Disciplina na Modalidade a Distância**. Polifonia, Cuiabá, n. 17, p. 175-187. 2009.
- KRUMMENAUER, L.D. **Educação Financeira para Adolescentes do Ensino Médio em Sapucaia do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011.
- LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da Informática. In: Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. In: BORBA, M. C. Coletivo seres-humanos-com-mídias e a produção de Matemática. In: Simpósio Brasileiro de Psicologia da Educação Matemática, **Anais...1**, 2002, Curitiba, p.135-146. Versão impressa.
- MACHADO, S. D. A. Engenharia Didática. In: MACHADO, S. D. A. (org.). **Educação Matemática: Uma introdução**. 2 ed. São Paulo: Educ, 2002. p. 197-208.
- MOREIRA, M. A.; NARDI, R. O mestrado profissional na área de Ensino de Ciências e Matemática: alguns esclarecimentos. **Revista Brasileira de Ensino, Ciência e Tecnologia**, v. 2, n. 3, set./nov. 2009.
- OCDE. **Conceito de Educação Financeira no Brasil**. Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/>>. Acesso em: 15 de junho de 2016.
- SEBSTAD, J.; COHEN, M. Financial Education For The Poor, 2003. In: BRUTES, L.; SEIBERT, R. M. O Ensino da Educação Financeira a Jovens de Escolas Públicas de Santo Ângelo, Vivências: **Revista Eletrônica de Extensão da URI**, v.10, n.18 p.174-184, maio. 2014.